

# A POLÍTICA DO SINTOMA: A CLÍNICA DOS GRUPOS

**Alunas: Bruna M. Guaraná e Juliana Prado**

**Orientador: Marcus André Vieira**

## **Introdução**

A pesquisa a qual estamos dando continuidade tem como ponto de partida um estudo anteriormente elaborado pela aluna e pesquisadora Mariana Marques em conjunto com nosso orientador Marcus André Vieira, cujas referências teóricas basearam-se em autores da psicanálise, como Freud, Lacan e Bion, e também foram estudados autores de outras áreas do conhecimento, que buscam entender as novas configurações das sociedades contemporâneas, como Deleuze e Foucault.

Entretanto, o nosso trabalho não se restringe à esfera acadêmica, já que em parceria com o projeto Digaí-Maré recolhemos material de pesquisa a partir dos atendimentos no Complexo de favelas da Maré, no Rio de Janeiro. Desde janeiro de 2005, o Digaí-Maré é um projeto de consultas e atendimento psicanalítico, gratuito e por tempo determinado que visa propiciar a presença do discurso analítico em uma comunidade específica, assim como favorecer e examinar suas incidências no plano coletivo. Oferece atendimento a grupos de crianças, adolescentes e seus familiares em uma casa alugada no bairro de Nova Holanda.

Dessa forma, o trabalho de pesquisa se desenvolve levando em consideração questões que surgem na prática de atendimento (cf. o material clínico publicado em [http://www.ebprio.com.br/centros\\_atendimento\\_digai\\_produtos.htm](http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai_produtos.htm)).

## **Objetivos**

O projeto de pesquisa visa discutir e mapear as micro-mudanças que a psicanálise aplicada pode promover, apostando no sintoma como expressão singular do sujeito, quando inserida em um centro de atendimento gratuito numa comunidade. Pretende-se discutir também as alterações a que o dispositivo analítico deve sofrer para que seja realizado tal feito. Os atendimentos em grupos no centro de atendimento 'a comunidade são baseados nos moldes do cartel que Lacan propõe inspirado na prática de Bion.

Em sua proposta original, o cartel é um pequeno grupo de trabalho que tem como objetivo a produção, tanto de saber, como de efeitos de sujeito em seus integrantes. Em um grupo de atendimento, a produção de efeitos de sujeito passa a ser o principal objetivo, por isso o cartel passa a ser um modelo de trabalho favorável. É nessa perspectiva que pretendemos continuar o estudo teórico e a prática com grupos, após termos percebido que muitas vezes a dissolução do grupo demonstra o esforço de seus componentes em se diferenciarem da formação grupal.

## **Metodologia**

A verificação do projeto será realizada através de uma pesquisa qualitativa semi-estruturada baseada na técnica dos grupos focal e uma observação participante com os usuários que já passaram pelo serviço de atendimentos de grupos e os analistas que estão imersos nesse trabalho, onde serão colhidos dados sobre o impacto que o dispositivo analítico pode causar na Comunidade.

O grupo focal foi selecionado como método por capacitar uma técnica que se adapta a qualquer tipo de abordagem e utiliza métodos qualitativos, ou seja, a exploratória, a fenomenológica e a clínica. Trata-se, segundo Vaughn et al. (1996), de uma técnica qualitativa que pode ser usada sozinha ou com outras técnicas qualitativas ou quantitativas para aprofundar o conhecimento de usuários e clientes. O objetivo desta técnica é identificar

percepções e sentimentos dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade. Em pesquisas clínicas é comum a utilização da entrevista de grupo focal.

O grupo deve ter uma composição homogênea que preserve certas características heterogêneas, para que flua de maneira eficaz, onde os sujeitos se sintam a vontade para participar das discussões. Para tanto é preferível que se escolham sujeitos pelo gênero ou faixa etária. Estes, ao serem convidados a participar dos grupos, devem ser sucintamente informados sobre o tema a ser discutido, para que este aconteça naturalmente. O tempo de ocorrência do grupo varia entre uma hora e meia e duas horas, com a coordenação de um moderador.

O moderador deve iniciar o grupo com uma pequena explicação sobre o objetivo do encontro, além de demonstrar a importância de toda opinião ali colocada. Em seguida deve colher um pequeno comentário geral do tema por cada participante. Sugere-se que o moderador tenha consigo uma série de questões que deseja explorar, para colocá-las quando conveniente, não intervindo tanto na dinâmica do grupo e proporcionando um ambiente favorável à discussão.

De um modo geral, o moderador atua no grupo de maneira a redirecionar a discussão, caso haja dispersão ou desvio do tema pesquisado, este se baliza pelos conceitos fundamentais da pesquisa, ferramentas clínicas da psicanálise: Sujeito, eu, Outro, objeto, entre outros para suas intervenções (perguntas, pontuações, etc) que promovem o andamento do encontro.

## Conclusões

O estudo teórico permitiu uma maior compreensão dos grupos através da idéia das terapias grupais que, sem dúvida, tiveram sua origem ligada aos fenômenos da sociedade de massa. A criação das terapias grupais tem a ver com o extraordinário avanço democrático das massas, ou seja, as massas chegando a um grau inédito na história tanto na política, na democracia pura e simples, quanto na economia – para citar um exemplo, o consumo de massas.

Apesar da pesquisa ainda estar em andamento, portanto nossa conclusão ser apenas parcial, pretendemos contribuir duplamente com a comunidade científica. Primeiramente pelo fato de que se estivermos certos a clínica pode ser uma poderosa ferramenta social e política, desfazendo uma posição cristalizada de um sujeito que insiste em se identificar com seu sofrimento. Por outro lado, essa pesquisa permitirá lançar produtivas luzes sobre a produção conceitual que a psicanálise está submetida ao “ir à cidade”, ou seja, a oferecer tratamento gratuito.

Quanto à articulação do serviço, esperamos que tal produção teórica incite uma maior comunicação entre os centros de atendimento públicos, como é o caso do Digaí-Maré, e a sociedade acadêmica, para que se possa galgar esses efeitos transformadores que aqui pretendemos verificar.

## Referências

- 1 - DELEUZE, Gilles. “**Post-scriptum sobre as sociedades de controle**”. In: Conversações. Editora 34, 1992.
- 2 - FOUCAULT, Michel. “**Vigiar e Punir: a história da violência nas prisões**”. 3ª edição, VOZES, 1984.
- 3 - LACAN, Jacques. “**A Psiquiatria inglesa e a guerra**” (1946). In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Zahar.
- 4 - FREUD, Sigmund. “**Psicologia de Grupo e Análise do Eu**” (1921). In. Obras psicológicas completas, edição Standard, vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- 5 - WILFRED, R. Bion. “**Experiências com grupos**”. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- 6 - VIEIRA, Marcus André e LUTTERBACH-HOLCK, Ana Lúcia. Texto “**CENTROS DE ATENDIMENTO - DIGAÍ MARÉ**” ([http://www.ebprio.com.br/centros\\_atendimento\\_digai\\_produtos.htm](http://www.ebprio.com.br/centros_atendimento_digai_produtos.htm)).